



Niemeyer, Darcy Ribeiro, Drummond e Werneck Sodr : reunidos numa primorosa cole o de depoimentos

Literatura

A brancura ilesa

A FORMA NA ARQUITETURA, de Oscar Niemeyer; 54 páginas; 60 cruzeiros.

O MARGINAL CLORINDO GATO, de Carlos Drummond de Andrade; 44 páginas; 120 cruzeiros.

A VERDADE SOBRE O ISEB, de Nelson Werneck Sodr ; 69 páginas; 120 cruzeiros.

A UnB: INVEN O E DESCAMINHO, de Darcy Ribeiro; 139 páginas; 200 cruzeiros. Editora Avenir.

Aqui e ali em seus escritos, Oscar Niemeyer confessa a sensa o da tarefa cumprida, o desinteresse em explicar o que realizou. Diz até que trabalhou demais, “num canto a desenhar, sem sentir o universo que o cerca em todas as suas grandezas e mistérios”. Essas frases sinceras e modestas são, felizmente para nós, parcialmente inexatas. Oscar   um insatisfeito nato, um rebelde eterno. Ninguém mais que ele atento ao universo que o cerca e   vida que nele flui. Cansado? Pois, no que poderia ser o sétimo dia do descanso, Oscar vira editor e lança esta preciosa cole o. Depoimentos — pequenos livros humanos, arejados, elegantes e certos. Como sua arquitetura.

Essas primeiras quatro plaquetas, lançadas na quarta-feira passada, no Rio de Janeiro, nos trazem as vozes do arquiteto (Niemeyer), do educador (Darcy), do historiador (Werneck Sodr ) e do poeta (Drummond). Dois artistas e dois professores. O arquiteto ligado ao educador no generoso sonho interrompido de uma Brasília capaz de produzir uma nova sabedoria. Uma cidade que fosse capaz de ser habitada, como diz Niemeyer na epígrafe do livro de Darcy, por “homens felizes; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras — um gesto, uma palavra de afeto e de solidariedade”. O historiador comunicando com o poeta na amarga esperança de que as sementes aut nticas são indestrutíveis. E também que, na verdade, “não são erros, erros que buscam acabar com erros”, como diz Drummond. Vozes maduras e sofridas. Todas elas dirigidas contra a brutalidade e a cegueira, todas secretamente confiantes na possibilidade de um dia ser possível reabilitar as utopias degradadas.

FARAÓS E DOGES — Em “A Forma na Arquitetura”, Niemeyer descreve, com o apuro e a leveza que lhe são próprios, o que entende por forma plástica na arquitetura.   uma demonstra o límpida e segura de que a cria o da

verdadeira beleza não   ato gratuito mas uma afirma o de vontade, liberdade e inven o. Bastaria isso para transcender o est tico. Para Oscar, a beleza   funcional, e ponto. Ele não rebate opiniões: desfaz mal-entendidos. E lembra as pirâmides do Egito: “Arquitetura-escultura, forma solta e dominadora sob os espaços infinitos”. Ou os arabescos nas colunas do palácio dos doges — funcionais porque “criam com suas curvas o contraste esplêndido que estabelecem com a parede lisa e extensa que suportam”. Formalista, diz ele,   uma arquitetura dita purista “com seus desumanos cubos de vidro pr -elaborados para dar mais lucro ao patrão”. E o ataque contra a suntuosidade de suas formas puras e delgadas, soltas no espaço? Niemeyer se insurge veemente contra o populismo paternalista de um certo “despojamento”. Oscar pouco brasileiro, só por que universal? Ou am-no: “‘Oscar, você tem as montanhas do Rio dentro dos olhos’, foi o que um dia ouvi de Le Corbusier”. E também curvas, como as “das igrejas de Minas, das mulheres belas e sensuais que passam pela vida”. Como aceitar então a Brasília do coronel Prates da Silveira? E aquele aeroporto feito contra sua vontade? “Lugar de arquiteto comunista   em Moscou”, disse o ministro. E assim ergueu-se um aeroporto

enquadrado, "uma coisa obsoleta, provinciana, como um exemplo dos tempos em que vivíamos", escreve ele.

Em "A UnB: Invenção e Descaminho", Darcy Ribeiro oferece muito mais que um libelo contra a patética invasão da universidade que criou por tropas motorizadas. Em parágrafos feroces e penetrantes, Darcy situa historicamente o projeto de uma nova universidade para a nova capital. Para ele, a produção do verdadeiro saber — a criação de uma universidade digna deste nome — exige uma lenta cumulação no plano acadêmico, um acervo construído passo a passo, enriquecido de geração a geração. Fidelidade aos padrões internacionais, certo, mas também, e sobretudo, busca de soluções para os problemas nacionais. Eis o perigo. Daí os sábios expurgados e evadidos, pesquisadores e artistas impedidos de ensinar; gente silenciada em prejuízo de um florescimento esmagado — "utopia vetada, ambição proibida", diz ele. "Em vez disso, ficamos com os brasiliannistas, as idéias de George Kennan, os geopolíticos, a educação moral e cívica dos tecnocratas formados em Chicago", pesquisadores façanhudos "que simplesmente ampliam a rede científica dos países ricos com bases tropicais de apoio a seus programas de domínio, aplicação e apropriação de saber".

CENTRO DE RESISTÊNCIA — A denúncia prossegue em "A Verdade sobre o ISEB" de Nelson Werneck Sodrê. Outra erva daninha, o ISEB. Atenção: embora explique quando, como e por que o ISEB foi criado, o objetivo de Sodrê não é criticar ou analisar teoricamente a conveniência ou não de sua ideologia (nacionalismo na base de uma aliança das esquerdas com a célebre burguesia nacional). Mesmo admitindo as fragilidades e contradições do heterogêneo grupo de intelectuais que lá ensinavam, ele deixa bem claro que sua destruição sumária se deveu às suas virtualidades, não às suas inconsistências. Hoje é fácil criticá-lo. Na época, porém, diz Sodrê, representou um centro de resistência dos que inspiravam as tentativas de golpe em 1954, em 1955 e que acabaram tomando o poder em 1964. Naqueles anos, assinala o historiador, o ISEB conspirava, paradoxalmente, para manter o regime, fora do governo; no governo, conspirava-se para destruí-lo. E assim foi feito.

E chega a vez do poeta, aparentemente distante mas, de fato, perto de tudo e de todos, já que nos ensina a usar

antenas e a nos devolver uma língua que é nossa mas que ele aperfeiçoa. No belíssimo poema-parábola "O Marginal Clorindo Gato" — que tem a singeleza de um livro para crianças —, Drummond sugere, em quartetos de sete sílabas, que o crime ameaça menos o poder embrutecido que a possibilidade eterna de redenção da miséria pela miséria. Não se descreve um poema. Deve-se ler logo a saga desses lírios imorredouros plantados por mão nenhuma e brotados de um corpo todo estrelado de furos. O que importa é que a esperança está ali, latente, como uma brancura estranhamente ilesa. **CLÁUDIO BOJUNGA**

Tango sincopado

CRIMES DA PAIXÃO, de Dalton Trevisan; Record; 118 páginas; 55 cruzeiros.

Era garçone de bar. Ele me viu. Nunca mais deixou em paz." Desde a primeira linha do primeiro conto deste livro, o leitor é arrebatado pelo inconfundível ritmo de tango sincopado das histórias de Dalton Trevisan. Ao ranger das facas no coração, aos uivos dos débeis mentais, desfiliam pelas ruas de Curitiba animais de estimação maltratados, velhinhos insensatos, aventu-

ras de amor deprimente, estupros, ataques cardíacos, tiros na cara. Mocinhas destroem a inocência nas batidas de maracujá do bar do Luís, a madrugada rebrilha constelada pelos dentinhos de ouro das prostitutas do cabaré Caneco de Sangue, refulge a brilhantina em todo o seu esplendor. E como sempre toda essa sórdida cafajestada surge bruscamente engrandecida e transfigurada pelo talento de um contista sem par.

Muito bem, dirão os pessimistas, então nem adianta comprar, porque é sempre a mesma coisa. Sim e não. Sim, porque os temas de Dalton, como o naufrágio da velhice, os desastres da solidão e do amor, continuam os mesmos. Suas personagens permanecem em Curitiba e — felizmente — nunca se aventuram pelo Rio de Janeiro ou pela Riviera francesa. Como ele próprio constata numa de suas histórias: "Atrás da cortina, vigiando a rua, o contista se repete; pobre Maria, pobre João que, em toda casa de Curitiba, se crucificam aos beijos na mesma cruz". É verdade, finalmente, que seu estilo feito de achados e de elipses — mais tarde entregue à sanha dos maus imitadores — já não desperta em seus antigos leitores aquele inesquecível impacto da primeira vez.

RENOVADOS VELHINHOS — Mas tudo isso é secundário. Basta um pequeno detalhe, como "os olhos verdes putais", para que a loirinha oxigenada, que já arruinava a vida do bom rapaz no conto "Fim de Noite", no livro "O Rei da Terra", se transforme da cabeça aos pés na desvairada "A Rainha do Caneco de Sangue", nestes "Crimes da Paixão". E, se os velhinhos teimam em perseguir as empregadas, brigam com as filhas, enlouquecem de ciúme e medo da paralisia ou da morte, a angústia da velhice aparece sempre nova: "Branca bengala de cego tropeçando em horas mortas".

De qualquer maneira, o mais importante nesse momento são os novos leitores que este livro deve conquistar para Dalton Trevisan. Com "Novelas Nada Exemplares", "Cemitério de Elefantes", "Morte na Praça", "O Vampiro de Curitiba", "Desastres do Amor", "A Guerra Conjugal", "O Rei da Terra", "O Pássaro de Cinco Asas", "A Faca no Coração", "Abismos



Trevisan: vigiando as ruas de Curitiba